

## INTEGRAÇÃO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA NO ENSINO REGULAR

Aparecida Donizete GALETTI  
Marcelo Carlos Santos OLIVEIRA  
Especialistas na área de Educação Especial e Pedagogia  
Escolar pelo - IBPEX

A inclusão não é apenas um tema em evidência, significa compreensão das diferenças.

**Resumo:** O acesso à educação, direito de todo brasileiro, deve-se dar através de oportunidades iguais. O surdo é igual ao ouvinte? A língua materna dos surdos, sua forma natural de comunicação, é a Língua de Sinais, é através dela que eles compreendem o mundo. A Língua Portuguesa, para eles, é uma língua estrangeira. Como é possível desfrutar do direito à educação, se esta é fornecida em uma língua que lhes é estranha? Nesta perspectiva, e visualizando a inclusão de pessoas deficientes no contexto do ensino regular, este trabalho concentrará sua preocupação especialmente no deficiente auditivo ou na pessoa surda.

**Palavras-Chave:** Integração, inclusão/exclusão, necessidades educativas especiais, deficiência auditiva.

**Abstract:** The education access, right of all Brazilian, needs to give equally chances. Is the deaf equal of the listener? The deaf's maternal language and your natural forms of communication, is the Signals language, is through her that they comprises the world. The Portuguese language, for them, is a foreign language. How is possible enjoy the education, if it is provided in a stranger language? About this perspective, and shimmers the inclusion disabled people into the argument of the regular school, the focus this application will devote hearing deficient or on person deafness.

**Key Words:** Integration, inclusion and exclusion, special educative necessities, deafness.

### Introdução

As crianças surdas encontram, em geral, dificuldade de integração dentro da escola e na sociedade, muitas vezes formando grupos isolados. Devido à surdez, por vezes, apresentam dificuldade de aprendizado. Para que se integrem aos colegas e tenham um bom nível de assimilação de conteúdo, faz-se necessário uma educação especializada.

A escola não se modificou para atender as necessidades dos alunos surdos, coube a eles adaptar-se para esta escola essencialmente oralista. A insatisfação detectada entre os alunos surdos é facilmente compreendida. A língua materna dos surdos, sua forma natural de comunicação, é a Língua de Sinais, é através dela que eles compreendem o mundo.

Considerando a proposta política atual em educação, que constitui-se numa postura diferenciada de aceitar a deficiência e instrumentalizar-se para atendê-la, do professor será exigido especial conhecimento e técnicas específicas para o atendimento dos alunos portadores de necessidades educativas especiais.

O presente trabalho é o início de uma caminhada. É uma chamada para discutirmos juntos a trajetória da Educação Especial e do desafio que se coloca ao sistema de ensino em geral e ao sistema de formação dos professores

com o processo de inclusão das pessoas com necessidades educativas especiais. A integração já vem acontecendo, mas, com a intensificação do processo de inclusão, a partir da nova LDB, sentiu-se a necessidade de reflexão conjunta dos professores de ensino regular e especial buscando garantir a qualidade do ensino público para todas as crianças com ou sem necessidades especiais.

É necessário discutir a prática educacional desde a pré-escola até a universidade, as políticas que tornem a educação acessível às necessidades de todas as pessoas, e o acesso à educação e ao trabalho que dá condições às pessoas de terem uma vida digna e viverem integradas na sociedade.

Este estudo pretende ainda focalizar o aprofundamento de pesquisas científicas nas diversas áreas do conhecimento, visando oportunizar um melhor conhecimento do desenvolvimento do processo social, cultural e linguístico da comunidade surda, refletindo a melhoria na qualidade de oferta de ensino ao aluno com necessidades educacionais especiais auditivas.

### 1. Caracterização da Deficiência Auditiva

A audição é um dos sentidos fundamentais para o desenvolvimento da criança, pois é um dos canais através dos quais o indivíduo entra em contato com o meio ambiente.

A audição funciona como um contínuo sistema de advertência para o sujeito, daquilo que ocorre ao seu redor. O maior efeito da perda auditiva liga-se ao prejuízo de uma característica humana fundamental, que é o uso da linguagem.

#### 1.1 – O que é surdez?

A *Conference of Executives of American Schools for the Deaf* (CEASD) define surdez como um “termo genético que indica distúrbio de audição, variando de uma severidade média a profunda, incluindo subgrupos de “surdez” e “hipoacusia” (REDONDO, 2001, p. 13).

Existem muitas definições e classificações dos deficientes auditivos, a saber:

#### a - Perdas benignas: 20 - 30 decibéis

Pessoas com essas perdas aprendem a linguagem através da audição, por uma forma comum de desenvolvimento. Com frequência adaptam-se ao ensino regular, com a supervisão de professores especializados.

#### b - Perdas marginais: 30 - 40 decibéis

Têm dificuldades em ouvir fala à distância e acompanhar uma conversação em grupo. Adquirem a fala através da audição e adaptam-se ao ensino comum, também com supervisão.

#### c - Perdas moderadas: 40 - 60 decibéis

Os sujeitos só são capazes de aprender a linguagem através da audição com amplificação e ajuda da visão. A integração na escola é parcial. Em algumas atividades partilham com alunos ouvintes, em outras necessitam de atendimento especial.

Estes três grupos são considerados hipoacúsicos e os descritos abaixo são caracterizados como surdos:

#### d - Perdas graves: 60- 75 decibéis

Só adquirem a fala através do emprego de técnicas especiais; dificilmente conseguem a integração total, necessitando atendimento especializado em muitas atividades.

### **e - Perdas profundas: acima de 75 decibéis**

Estas pessoas raramente aprendem a linguagem através da audição e precisam de recursos especializados. É raro conseguirem integração educacional, com frequência necessitam de ensino especializado em classes especiais ou escolas especializadas.

Uma perda auditiva pode causar sérios problemas no desenvolvimento. O importante é que o problema seja identificado o mais rápido possível, e que a pessoa seja encaminhada a um atendimento especializado, como médico Otorrinaringologista, Fonoaudiólogo e centro de atendimento especializado.

### **1.2 – Causas da surdez**

Causas pré-natais: são as que ocorrem no útero materno, da fecundação ao nascimento. Podem ser resultantes ou não de fatores genéticos ou hereditários em que a possibilidade da surdez está nos genes dos futuros pais.

Causas peri-natais: são as que atingem o bebê durante ou imediatamente após o parto, como Icterícia, prematuridade, traumas no parto e baixo peso.

Causas pós-natais: convulsões, meningite, exposição prolongada a ruídos intensos, permanência em incubadora, traumatismo craniano, otite média persistente por mais de três meses.

### **1.3 – Como reconhecer a deficiência**

Enquanto bebê, a criança não acorda com ruídos ou conversas, não reage a sons ambientais fortes, toques de campainha, gritos, balbúcia até aproximadamente 6 meses.

Na infância, não reage a sons, tem dificuldade em acompanhar aulas ou conversas em que haja várias pessoas envolvidas, possui dificuldade de compreensão da linguagem oral, troca ou omite fonemas na fala e/ou na escrita, pergunta constantemente *que? como? heim?*, fixa-se excessivamente nos lábios de quem fala, é considerada desatenta e distraída e prefere se comunicar utilizando gestos e sinais.

### **1.4 – Prevenção**

Durante a gestação, deve-se evitar exposição a raios X, evitar uso de drogas, álcool e cigarro, evitar contato com pessoas portadoras de doenças infecto-contagiosas, não utilizar medicamentos sem prescrição médica, realizar acompanhamento médico mensal e alimentar-se adequadamente.

## **2 . Encaminhamento Educacional Do Surdo**

### **2.2 – Educação Inclusiva**

Por Educação Inclusiva se entende:

o processo de inclusão dos portadores de necessidades especiais ou de distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino em todos os seus graus (SASSAKI, 1997, p. 12) .

O atendimento às pessoas com necessidades especiais deve iniciar pela avaliação de uma equipe multiprofissional (psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, fisioterapeutas, assistentes sociais), dos departamentos de Educação Especial do Estado ou município, ou das unidades de saúde, possibilitando o mais cedo possível, seu encaminhamento aos atendimentos ou programas compatíveis com sua idade, necessidades, aprendizagem, desenvolvimento.

### **2.3 - Os caminhos da aprendizagem**

Algumas crianças surdas têm possibilidade de adquirir e desenvolver a linguagem oral, utilizando a fala para se comunicar. Outras, por características pessoais e também em decorrência do ambiente familiar, apresentam linguagem oral mínima, que deve ser complementada com outras formas de comunicação, como a escrita e por sinais.

A criança pode desenvolver também a leitura labial e fisionômica, capacidade de ler os lábios e expressão facial de que fala. Mesmo quando usam aparelho auditivo adequado, os deficientes auditivos em geral fazem leitura labial, para compreender melhor a fala do outro.

### **2.4 – O desenvolvimento da linguagem**

O trabalho de linguagem, tanto em língua portuguesa (oral) quanto na Língua de Sinais Brasileira (LSB), é desenvolvido de forma a dar à criança surda um instrumento lingüístico que a torne capaz de se comunicar.

Os principais recursos utilizados nesse trabalho são atividades de imitação, jogos, desenhos, dramatizações, brincadeiras de faz-de-conta, histórias infantis, etc. Tais atividades possibilitam, ao mesmo tempo, a aquisição de linguagem e a aprendizagem de conceitos e regras de um código de comunicação, aspectos importantíssimos para o processo de integração escolar.

### **2.5 – A comunicação com a criança surda**

Muitas vezes os pais, professores e outros adultos tomam atitudes inadequadas em relação a crianças com perda auditiva, como por exemplo:

- com frequência tratam a criança surda como se ela fosse incapaz de compreender. Falam de maneira pouco natural, apenas com gestos, ou utilizam frases soltas, como se ela fosse incapaz de entender as frases completas;
- não conseguem agir com naturalidade. Não informam, por exemplo, o que está acontecendo, como se a criança não pudesse participar da vida em comum;

### **2.6 – O papel do professor**

O trabalho do professor deve estar marcado pelos objetivos que ele pretende alcançar na área da linguagem. É fundamental conversar com os pais a respeito desses objetivos e adequar o programa, de maneira a permitir que a família colabore.

- a integração técnico-pedagógica entre os professores de ensino regular e especial para planejamento e realização de um trabalho conjunto;

- a capacitação dos professores de ensino regular para o embasamento teórico e prático necessário para realizar um trabalho de qualidade com os alunos com necessidades educativas especiais, inseridos nas classes de

ensino regular;

- integração das equipes de educação especial e regular nas secretarias estaduais e municipais de Educação para planejamento, organização de seminários, discussão com os professores do ensino comum e especial, bem como para realização dos cursos de capacitação e orientação aos professores que terão em suas classes alunos com necessidades especiais.

## 2.7 – Metodologias Educacionais

### 2.7.1 - Oralismo

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada através de estimulação auditiva precoce, aproveitando os resíduos auditivos.

### 2.7.2 - Comunicação Total

Esta filosofia tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes. Acredita-se que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais não devem ser deixados de lado a favor do aprendizado exclusivo da língua oral, pois este não assegura o pleno desenvolvimento da criança surda.

### 2.7.3 - Bilingüismo

Esta filosofia tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilingüe: adquirir como língua materna a língua de sinais, sua língua natural, e como segunda língua, a língua oficial de seu país.

## 3. Revisão Histórica Da Educação De Excepcionais

Algumas culturas simplesmente eliminavam as pessoas deficientes, outras internavam em grandes instituições de caridade, junto com doentes e idosos.

Na fase de exclusão os deficientes não recebiam nenhum serviço educacional, eram ignorados, rejeitados e perseguidos.

Na fase da segregação institucional, excluídos da sociedade e da família, os deficientes eram atendidos em instituições e escolas especiais.

Atualmente, 80% dos municípios paranaenses contam com programas especializados na rede regular de ensino, mais precisamente nas escolas públicas, perfazendo um total de 1600 programas.

### Considerações Finais

Qualquer pessoa tem direito à educação pública, preferencialmente na escola comum, na qual a sociedade se encontra, reflete e se integra. Esta é uma tendência mundial, e uma conquista histórica que precisa se levada adiante para não se perder a oportunidade de acabar com qualquer tipo de segregação.

Rejeitar um aluno em condições de frequentar a escola regular por apresentar necessidades educativas especiais é anti democrático, anti-ético e tem pena prevista em lei, e o governo tem a obrigação de dar estrutura para que as escolas regulares possam atendê-las.

O que era visto como doença, hoje, passou a ser considerado como necessidade especial. É necessário ultrapassar a visão assistencialista, dando lugar à garantia de direitos, um desafio a ser vencidos com o trabalho integrado da família-criança-escola-sociedade.

É imprescindível, ainda, a conscientização da comunidade escolar e da sociedade, levando a discussão sobre pessoas com necessidades especiais e seus direitos

para dentro das escolas, sindicatos, igrejas, fábricas, empresas e outros, para a criação de espaços democráticos e não excludentes, favoráveis à sua integração social e participação ativa e consciente na escola nos esportes, nas artes, na cultura e no trabalho.

A maior parte das escolas não conta com salas de recursos. Praticamente nenhuma escola tem equipes multidisciplinares, com fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos, fundamentais para o acompanhamento e desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais. A maior parte das escolas públicas tem turmas superlotadas e sofre com a falta de espaço. Além de faltarem professores, muitos dos que ainda persistem na escola pública não contam com formação para trabalhar com os alunos com necessidades educativas especiais.

Também se faz fundamental adequar o espaço físico das escolas e prepará-las para receber os alunos e provê-las dos equipamentos e materiais específicos necessários.

A inclusão é em parte de responsabilidade da sociedade, mas sem dúvida é obrigação do governo oferecer a estrutura necessária pra que ela ocorra de fato, com qualidade.

É necessária a presença de um intérprete, para tornar possível a comunicação e o acesso ao conhecimento para os alunos surdos.

Acredita-se que estas medidas não resolveriam plenamente o problema de comunicação dos surdos, porém, com certeza atenuariam suas dificuldades.

### Referências

AMIRALIAN, M. L. T. M. Psicologia do excepcional. In: RAPPAPORT, C. R. **Temas básicos de psicologia**. São Paulo: EPU, 1986. p. 21-28.

APP Sindicato. Necessidades educativas especiais. realidade e perspectivas para a educação pública. Curitiba: Secretaria de Imprensa e Divulgação, s/d. Educação Especial – *Vida para surdos*. **Nova Escola**, n. 69. p. 32-36, set. 1993.

FONSECA, V. **Educação especial**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GLAT, R. Um novo olhar sobre a integração do deficiente. IN: MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon; Senac, 1997. p. 196-201.

MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiências: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon; Senac, 1997.

MEC/SEESP. **O processo de integração escolar dos alunos portadores de necessidades educativas especiais no sistema educacional brasileiro**. Brasília, 1995.

REDONDO, M. C. da F. Deficiência auditiva. **Cadernos da TV Escola**, Brasília: MEC/SEED, 2001 .

RODRIGUES, N. Educação especial: *vida para os surdos*. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 69, 1993.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACÃO - PARANÁ. Fundamentos teóricos metodológicos para a Educação Especial. Curitiba, 1994.